

O FAROL PREGUIÇAS E O COMANDANTE GRAÇA ARANHA

NEY DANTAS*
Capitão de Mar e Guerra (Ref²)

Desde sempre, no litoral do Estado do Maranhão, os experientes pescadores sabiam que o mar era muito perigoso e o seu fundo, bastante irregular, podendo variar de 3 a 30 metros de profundidade. Descobrimos os segredos das marés, eles penetravam na barra durante a maré cheia, deixavam os barcos encalharem na areia, realizavam as suas atividades e só retornavam quando a maré voltava a subir.

Neste sentido, havia uma grande demanda para a existência de um farol. Construiu-se, então, o Farol Preguiças, no povoado de Mandacaru (MA), que se situava a 24 milhas ao norte do porto de Tutóia, em um local onde os recifes se estendiam a até três milhas da costa.¹

A publicação *Roteiro DH 1-5*, de 1954, diz em sua página 101 e subsequente: “O rio das Preguiças desagua a cerca de 37

* Comandou o Navio Balizador *Castelhanos*, o Navio Hidroceanográfico *Taurus* e o Navio Hidroceanográfico Faroleiro *Almirante Graça Aranha*. Especializado em Hidrografia. Autor de sete livros sobre sinalização náutica.

¹ http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=436%3Afarol-preguicas-ma&catid=41%3Aletra-f&Itemid=1

milhas da ponta dos Mangues Verde. Entre ele e Tutoia é a linha da costa formada por dunas de areia branca, intercaladas por grupos de árvores, Desde a ponta dos mangues Verdes até a barra de Tutoia é a costa bordada de altos fundos e recifes que, por vezes, deitam até 3 milhas da costa. ...”

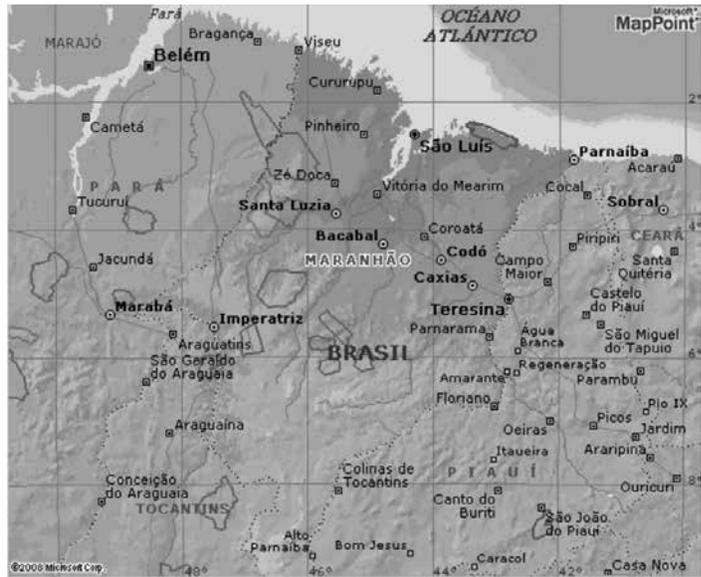
Os moradores dessa região tinham na pesca e na extração da palmeira do buriti os principais recursos para sua subsistência.

Um sinal de auxílio à sua navegação que indicasse a barra do Rio Preguiças sempre fora um sonho para os beneficiários desse intenso tráfego de embarcações que para ali convergiam provenientes de São Luís e de Tutoia.

Os faróis, ainda no início do século XIX, eram um indispensável auxílio à navegação costeira e ao sustento dos pescadores. Sua construção em cada ponto do litoral dependia da importância da Província do Império, do Estado da nova República e, enfim, do desenvolvimento econômico da região.

O Maranhão, na região Norte, depois de Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, foi o quarto Estado a ser agraciado com os faróis, todos no acesso à Baía de São Luís: Barra (na Fortaleza de Santo Antônio, na Ponta da Areia), de Alcântara, de São Marcos e de Sant’Anna, todos no ano de 1831. Setenta e oito anos depois o Estado ganhou seu sétimo farol.

Do relatório da Repartição da Carta Marítima apresentado em 1907, consta



Mapa do Maranhão

na página 50: *“Foram encomendados no começo do corrente ano aos Srs Barbier, Benard et Turenne, de Paris, os aparelhos destinados aos faróis do Albardão no Rio Grande do Sul e Tutoia no Piauí [entenda-se Preguiças, no Maranhão] e ainda ...”*

No relatório de 1908 lê-se: *“Com os nove faróis e faroletes, cuja construção está autorizada na lei do orçamento, ...”*, podendo-se entender que dentre eles está o farol de Tutoia, ou seja, o de Preguiças.

Nesse meio tempo, o Decreto nº 6.964 de 29 de maio de 1908 reformou o regulamento da Carta Marítima, dando-lhe a denominação de Superintendência de Navegação.

E no relatório da Diretoria de Faróis de 1909, à página 30, lê-se: *“Em Barreirinhas está se procedendo a montagem de um farol que servirá para indicar a aproximação e direção do porto de Tutoia e o extenso e perigoso baixio das Preguiças”*.

Por fim, o relatório da Superintendência de Navegação apresentado em abril de



Farol Preguiças

1910 afirma: “Os faróis e postes inaugurados na costa marítima do país durante o ano [final de 1909] foram: Albardão, Sarita, Queimada Grande, Lage de Santos, Guaratiba, Ponta Negra, Preguiças e Tapagé [sic]”.

O Farol Preguiças, ou de Mandacaru, como é conhecido no local, consta da 5ª edição da Lista de Faróis de 1911 como construído na “margem esquerda e foz



Coleção Érico Bacellar
da Costa Fernandes
Cortesia Luiz Alberto
da Costa Fernandes



Lista de Faróis 1930

do rio Preguiças” e inaugurado em 16 de julho de 1909 em forma de “torre metálica sobre esteios de rosca Mitchell, tendo próxima a casa dos pharoleiros, tudo pintado de branco”.

A primeira torre do Farol Preguiças, troncônica revestida com chapas de ferro com 28 metros de

altura, foi encimada por uma lanterna com um aparelho lenticular de 3ª ordem, isto é, com diâmetro focal de 1 metro, contendo um equipamento luminoso a gás acetileno, fornecido pela empresa canadense Wilson, em que o combustível, o gás acetileno, era produzido no próprio local pela mistura do carbureto de cálcio com água, mesmo salgada, o que o diferenciava de outros sistemas semelhantes.

Ele representava uma novidade para a época, sendo o farol um dos pioneiros no Brasil a receber um equipamento de tal qualidade. Esse sistema, contudo, não teve vida longa no Brasil e alhures.

O nome “Preguiças” tem em sua origem, segundo o relato dos moradores mais antigos, a presença de muitos bichos-preguiça que habitavam as matas das margens do rio há muitos anos e as águas mansas e tranquilas que correm

preguiçosamente ao sabor das correntes vazante e enchente.²

A preguiça é um mamífero com dedos de garras longas pelas quais ela se pendura aos galhos das árvores, com o dorso para baixo. Seu nome advém do metabolismo muito lento do seu organismo, responsável pelos seus movimentos extremamente vagarosos. É um animal de pelos longos, que vive na copa das árvores de florestas tropicais desde a América Central até o norte da Argentina. Na Mata Atlântica, o animal se alimenta dos frutos da Cecropia (a embaúba, conhecida, por isso, como árvore-da-preguiça).³



Embaúba

Embaúba, por sua vez, é a designação comum a várias espécies de árvore, principalmente as do gênero *Cecropia*, que chegam a 15 metros de altura. É uma das primeiras plantas a habitar a Mata Atlântica e a favorita do bicho-preguiça, que adora seus frutos. É um tipo de árvore leve que se adapta fácil a diversos tipos de solo. Em áreas desmatadas em recuperação, é fácil achar uma embaúba por lá. Seus frutos são bastante atrativos para várias espécies de aves, por isso acabam sendo dispersas muito rapidamente. Com o caule e ramos

occos, vivem em simbiose com formigas que habitam no seu interior, se protegendo dos animais herbívoros.⁴

Abro parêntese. Em 1962, o Navio Farelheiro *José Bonifácio*, sob o comando do Capitão de Fragata Paulo Gitahy de Alencastro, estava empenhado na construção do que seria o Farol Ponta da Madeira, no interior da Baía de São Marcos, no Maranhão. Quando do desmate da área para a obra, da qual eu fazia parte, deparamo-nos com uma preguiça num pé de embaúba. Ao fim da faina daquele dia, levamo-la para bordo. Depois de quatro dias embarcada e no alto de uma enxarcia, o comandante nos “sugeriu” que a levássemos para terra, para o seu *habitat*. E assim fizemos, é claro. Fecho parêntese.

A Guarda Nacional foi uma força paramilitar organizada por lei no Brasil durante o período regencial, em agosto de 1831, para servir de “sentinela da constituição jurada”, e desmobilizada em setembro de 1922. No ato de sua criação lia-se: “Com a criação da Guarda Nacional foram extintos os antigos corpos de milícias, as ordenanças e as guardas municipais”. Em 1850 a Guarda Nacional foi reorganizada e manteve suas competências subordinadas ao ministro da Justiça e aos presidentes de Província. Em 1873 ocorreu nova reforma, que diminuiu a importância da instituição em relação ao Exército Brasileiro. Com o advento da República, a Guarda Nacional foi transferida em 1892 para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Em 1918 passou a ser subordinada ao Exército, sendo incorporada como exército de 2ª linha, acabando diluída.

2 <http://portalbarreirinhas.com.br/home/turismo-e-lazer/rio-preguicas.html>

3 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Folivora>

4 <http://www.remedio-caseiro.com/conheca-mais-sobre-a-planta-embauba/>

A Guarda Nacional foi criada num contexto após a abdicação de D. Pedro I, em que ocorriam diversos choques entre nacionais e lusos e havia receio na sociedade de que os militares tomassem alguma atitude restauradora, posicionando-se pela volta do imperador. O Exército tinha sua base formada basicamente de negros, mulatos, homens pobres, na maioria dos casos, sem nenhuma qualificação profissional, pouco considerados socialmente. Já os altos postos de comando eram ocupados por estrangeiros, provocando uma falta de confiança do governo na fidelidade do Exército, considerado uma ameaça em potencial ao liberalismo da nova ordem instaurada com a Regência.

Com os sinais de insubordinação do Exército, criou-se uma situação na qual os governantes preferiam não requisitar seus serviços e o governo começou a realizar um enxugamento no Exército. A Regência tomou uma série de medidas: em maio de 1831, o número de efetivos das tropas já havia baixado de 30 mil para 14.342 homens e, em 30 de agosto, reduziu-se ainda mais, caindo para 10 mil homens. As demissões e licenças de militares são facilitadas, enquanto cessa, por tempo indeterminado, o recrutamento militar.

Os membros da Guarda eram recrutados entre os cidadãos eleitores e seus filhos, com renda anual superior a 200 mil réis nas grandes cidades e 100 mil réis nas demais regiões. Esses indivíduos não exerciam profissionalmente a atividade militar, mas, depois de qualificados como guardas nacionais, passavam a fazer parte do serviço ordinário ou da reserva da instituição. A Guarda Nacional tinha forte base municipal e altíssimo grau de politização.

A sua organização baseava-se nas elites políticas locais, pois eram elas

que formavam ou dirigiam o Corpo de Guardas. Como uma instituição de caráter civil, a Guarda Nacional era subordinada aos juizes de paz, aos juizes criminais, aos presidentes de Província e ao ministro da Justiça, sendo somente essas autoridades que podiam requisitar seus serviços. O único cenário em que os guardas nacionais passariam a fazer parte da estrutura militar de 1ª linha era no caso dos corpos destacados para a guerra, quando deveriam atuar como auxiliares do Exército. Os guardas nacionais deveriam ser repartidos pelas Câmaras Municipais em unidades dentro dos distritos de cada município. A principio, as unidades seriam da arma de infantaria, ficando a cargo do governo decidir sobre a criação de unidades de cavalaria e artilharia. Cabia ao governo escolher os coronéis e os majores de Legião da Guarda Nacional. Os demais oficiais, inicialmente, eram escolhidos por eleições, em que votavam todos os guardas nacionais, para exercerem um posto pelo prazo de quatro anos, porém tal fórmula foi modificada após a promulgação do Ato Adicional (1834), sendo substituída por nomeações provinciais, por propostas das Câmaras Municipais e, mais tarde, por indicações dos comandantes dos corpos.

A Guarda Nacional foi perdendo espaço com o advento da República, cuja instalação se deu por conta do Exército, historicamente oposto à Guarda. Foi transferida em 1892 para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Em 1918 passou a Guarda Nacional a ser subordinada ao Ministério de Guerra, por meio da organização do Exército Nacional de 2ª Linha, que constituiu de certo modo sua absorção pelo Exército. Sua última aparição pública foi no dia 7 de setembro de 1922, quando do

desfile pela Independência do Brasil na cidade do Rio de Janeiro, marcando aquele, também, o ano de sua oficial desmobilização.

Apesar de sua desmobilização, o Presidente da República, Artur Bernardes, continuou a emitir cartas-patentes de oficiais da Guarda Nacional. Temos casos de cidadãos que prestaram compromisso de lealdade à corporação em 6 de agosto de 1924, cumprindo determinação da Carta-Patente de 2 de janeiro de 1924, assinada pelo Presidente da República e pelo secretário da Guerra, com o seu registro ocorrendo na Secretaria de Estado da Guerra, em 4 de fevereiro de 1924. Esses diplomas, de elevado visual artístico, foram feitos mesmo para impressionar a quem a eles tivesse acesso, justificando a intenção de consolidar o poder do patenteado junto a sua comunidade.⁵

Antonio José Godinho foi tenente-coronel da Guarda Nacional no Maranhão. Era próspero fazendeiro com casa grande em Santa Cruz e influente personalidade na região de Barreirinhas e Mandacaru, onde, em 1909, decidira a Marinha de Guerra dar início à construção de um farol.

Quis o destino que seu neto Fernando José Moreira Godinho viesse a ingressar na Marinha para um dia, como capitão de fragata, ser o comandante do Centro de Sinalização Náutica Almirante Moraes Rego, órgão responsável pelos faróis do Brasil, cargo que assumiu em 28 de julho de 1970, exatos 61 anos e 12 dias depois da inauguração do Farol Preguiças. Deixou o comando do CAMR em 17 de maio de 1971. Fui seu subordinado nesse período.

Em julho de 2016, recebi documento que me foi presenteado pelo Comandante Godi-

nho: a cópia da carta de Heráclito da (sic) Graça Aranha escrita em 23 de julho de 1909 no farol das Preguiças após sua inauguração e endereçada ao seu avô A. Godinho.

Esta carta de Heráclito da Graça Aranha, que me inspirou a escrever este trabalho, eu a transcrevi por inteiro, obedecendo ao texto original com a ortografia da época.

Pharol das Preguiças, 23 julho 1909

Meu caro amigo Snr Coronel A. Godinho

Começo esta cartinha lhe dando a bôa noticia de que desde o dia 21 a noite os brilhantes lampejos do pharol assignalão aos navegantes a barra e o parcel das Preguiças. Digo bôa noticia porque estou bem certo de que ao meu illustre patricio não é indifferente este importante melhoramento introduzido á navegação em geral e muito especialmente á illuminação da costa maranhense.

Em seguida a esta introdução entro no assumpto principal desta cartinha que é portadora das minhas affectuosas despedidas. Se bem que não tenha recebido ordem até este momento para regressar, contudo aguardo á toda hora ordem neste sentido pois de facto a minha commissão está concluída.

Era do meu dever e ainda mais do meu desejo ir até ahi cumprir esta obrigação, porem uma serie de causas obrigão-me a proceder, com bastante pesar, de maneira diversa. Nestes últimos dias o serviço se accumulou de tal maneira que eu mal tinha tempo de permanecer alguns minutos fora do pharol! Esta situação aggravou-se de uma certa maneira porquanto o meu auxiliar, o machinista, esteve seriamente doente com febre e só agora é que entrou em convalescença. Quando dahi regressei encontrei-o bem doente e de tal maneira que esteve com

⁵ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda_Nacional_\(Brasil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda_Nacional_(Brasil))

a bagagem arrumada para seguir no barco! Vendo-me só, tive que duplicar a minha atividade. Informado como estou de que por estes últimos dias do mez deve passar na Tutoya um paquete em demanda do sul tudo faço para não perdê-lo. O meu nobre patricio bem reflectindo me dará inteira razão pois se perder esta oportunidade terei que aguardar 15 dias mais pela chegada de um outro paquete. Escusado é aqui entrar em detalhes para bem justificar esta minha attitude de pressa. Vou trabalhando e já tenho tudo determinado até o momento em que aqui deve chegar o portador que mandei á Salinas. Se a ordem não vier como espero e como é de toda justiça, então mudarei de rinbruição (sic) e é certo que irei até ahi dar-lhe alguma cacetada. Alem de tudo recebi pelo ultimo correio cartas de minha Familia transmitindo recados de collegas meus, e que muito se interessão por mim, dizendo que não demorasse um minuto a minha demora aqui. Á vista de tudo isto e principalmente por não querer perder o paquete resolvi ao sahir daqui seguir rumo de Salinas. E certo de que me dirijo a um amoroso Chefe de Familia fico tranquilo pois não me será negada inteira razão; há muito que não vejo minha Esposa, há muito que não beijo os meus filhinhos! marinheiro como sou incorporado á uma classe que sente falta de uma organização interna onde as commissões não obedecem uma certa ordem, tudo devo fazer para bem aproveitar os momentos que se apresentam para estar junto da Familia. E depois, meu caro Coronel, não vou partir para sempre! ao contrario muito breve é quase certo, estarei de volta. Ainda tenho que ver no Pharol, além de que não vou recolher-me á vida privada, ao contrario vou entrar em franca actividade o que

quer dizer que muito em breve estarei de volta a este porto nada frequentado.

O que devo agora lhe dizer ao caminhar para a conclusão desta carta que já vae longa e que está sendo escripta por volta da ½ noite é que parto muito satisfeito pelo conhecimento que fiz da sua illustre pessoa e de toda sua digna Familia. Sigo bastante penhorado pelas gentilezas que recebi e especialmente pela carinhosa hospitalidade que deu-me nos dias que ahi passei. Fique o amigo certo que a sua pessoa é figura destacada neste pedaço maranhense onde tudo falta inclusive as mais elementares noções da civilização. Á sua respeitavel e simpática Esposa os meus sinceros respeitos. Que toda sorte de felicidades lhe acompanhe sempre no gôso da familia, neste recanto solitário do nosso pobre Maranhão, são os meus votos sinceros. Seguindo para o sul, isto é para Petrópolis, peço-lhe que disponha dos meus serviços. Lá como aqui ou em qualquer outra parte em que a sorte me collocar disponha com absoluta franqueza da minha obscura pessoa. O meu adresse particular é o seguinte: Avenida Piabanha - n° 191- Petrópolis - Estado do Rio. Ahi tem o Snr e toda a Familia modesta casa á sua inteira disposição.

Muitas caricias aos seus filhinhos, respeitoso saudar á distincta consorte e um apertado e affectuoso abraço do sempre agradecido

HGraça Aranha

P.S. – Se os meus cálculos não falhãõ devo até o dia 25 estar fora daqui. Caso queira distinguir-me com a gentileza da resposta receiando qualquer desencontro, pode dirigir a carta para Tutoya onde providenciarei se por acaso lá não demorar-me.

Heraclito da Graça Aranha

Pharol das Preguiças. 23 de Julho de 1909

Respondido em 24 de jl (Via Tutoya)

Heráclito da Graça Aranha é maranhense nascido em 22 de março de 1873 e falecido em 4 de agosto de 1944.

Sua família foi residente em São Luiz, em casa à Avenida Pedro II, onde hoje também se situa a Capitania dos Portos do Estado.

Praça de aspirante a guarda-marinha em 11 de março de 1887, foi transferido para a Reserva em 2 de abril de 1936, após 54 anos e oito meses de serviço no posto de vice-almirante, para o qual fora promovido em 27 de outubro 1932.

Dentre suas comissões, a partir de 1910, depois de promovido a capitão de corveta, foi comandante de rebocador, de contratorpedeiros, de tênder, de cruzadores e de encouraçado da Armada brasileira; foi Capitão dos Portos do Estado do Maranhão por um período de nove meses, entre 14 de fevereiro e 9 de novembro de 1918; adido naval em Washington; diretor de Aeronáutica da Marinha; diretor-geral de Navegação

em dois períodos – o primeiro como contra-almirante, entre 4/4/1930 e 6/11/1930, e o segundo de 22/9/1932 a 11/7/1935, quando foi promovido a vice-almirante, em 31 de outubro de 1932. Também foi diretor da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro.

Exerceu cargos na Diretoria-Geral da Carta Marítima em dois períodos: inicialmente, como primeiro-tenente, entre 2/5/1903 e 8/6/1903 e, mais tarde, como capitão-tenente, interinamente de 26/3/1906 a 16/9/1909, período em que foi destacado (ver parte da folha do *Almanak Laemmert*) para montar a torre do Farol Preguiças, inaugurado no mesmo ano em que foi promovido a capitão de corveta, em 25/2/1909.

Pelas leituras da carta e da página 658 do *Almanak Laemmert* de 1909, depreende-se que o Capitão-Tenente Graça Aranha, então destacado na Diretoria de Faróis, na ocasião chefiada pelo Capitão de Fragata Eduardo Augusto Veríssimo de Matos, esteve presen-



Heráclito da Graça Aranha – Cortesia da Divisão de Documentos Especiais da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM)



Cortesia da Divisão de Documentos Especiais da DPHDM

658			MINISTERIO DA MARINHA		
<p>Assistente: Luiz Perdigão, cap. ten., rua dos Artistas, 53, Aldeia Campista.</p> <p>Ajudante de ordens: Mario da Gama e Silva, cap. ten., rua Sousa Franco, 49, Villa Izabel.</p> <p>Commissario: Fabiano Martins da Cruz, cap. de corveta, rua do Riachuelo, 218.</p> <p>Arquivista: Almiro Reis, rua Ernesto de Sousa, 39, Andarahy.</p> <p>Desenhista: Mario Eduardo de Avelar Brandão, rua 7 de Setembro, 189.</p>	<p style="text-align: center;">DIRECTORIA DE PHAROES</p> <p>Director: Eduardo Augusto Verissimo de Mattos, cap. de frag., rua Silva Rabello, Meyer, 2.</p> <p>Chefes de secções: Arthur D. de Oliveira, rua Correia Dutra, 3, Cattete. Nicolaou Possollo, cap. de corveta, rua 8 de Dezembro, 5, Mangueira.</p> <p>Destacado: Heraclito da Graça Aranha, cap. ten., travessa Jerusalem, 2, Petropolis.</p>	<p>Luiz Rodrigues, rua da constituição, 12, Icarahy. Oscar Jorge Pereira Cabral, rua D. Julia, 42, Cidade Nova.</p> <p>Serente: Leonel Pereira de Oliveira, rua de Santa Thereza, 31.</p> <p style="text-align: center;">OFFICINA TYPOGRAPHICA</p> <p>Revisor: Aristides Saboia de Alencar, rua Jockey Club, 9, S. Francisco.</p> <p>Lithographo: Manoel Leão, rua Ladeira Madre de Deus, 10, Livramento.</p>			

Almanak Laemmert 1909

te, se não durante toda a complexa obra de montagem da torre de ferro sistema Mitchell com 28 metros de altura e instalação do aparelho de luz BBT, pelo menos em um longo intervalo de tempo até seu término, período em que gozou da assistência e hospitalidade do Coronel Godinho. Era naquele momento superintendente de Navegação o Almirante Arthur Jaceguay.

Segundo a página do *Almanak Laemmert 1909*, que foi reproduzida neste trabalho, o Tenente Graça Aranha era morador de Petrópolis à Travessa Jerusalem nº 2, o que não combina com o declarado em sua carta, que diz: “*o meu adresse particular é o seguinte: Avenida Piabanha 191*”, igualmente em Petrópolis.

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

O litoral oriental do Maranhão abriga a maior ex-

*tensão de dunas costeiras do Brasil, onde está a grande estrela do turismo maranhense, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, ou os Grandes Lençóis, à esquerda do Rio Preguiças. À direita do referido rio, seguem os chamados Pequenos Lençóis, numa paisagem semelhante à dos Grandes Lençóis, e que se estendem até Tutoia, onde começa o Delta do Parnaíba.*⁶



Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

⁶ http://www.maramazon.com/mobile/mara33/regiao_lencois.html

Durante seu governo, entre 15 de março de 1979 e 15 de março de 1985, o Presidente João Baptista de Figueiredo criou, com o Decreto nº 86.060, emitido em 2 de junho de 1981, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses em terras devolutas pertencentes à União, com a finalidade maior de “proteger a flora, a fauna e as belezas naturais existentes no local”, em ambas as margens do Rio Preguiças, que nasce na região e corre entre os Lençóis Grandes, a oeste, e os Lençóis Pequenos, a leste.

O parque, com uma área de 1.565,84 km², abraça o município de Barreirinhas, considerado sua porta de entrada, e é hoje a principal região turística do Maranhão, com uma vasta área de altas dunas de areias brancas e de lagos e lagoas.

Submetida à má manutenção e sem resistir às intempéries, a primitiva torre importada de ferro do farol foi substituída por outra de concreto armado, inaugurada em 1949 e assim descrita no *Roteiro DH 1-5* de 1954 “*Farol – Na margem W do rio, acerca de 1,5 milha da foz, lat 02° 35’ e long 42° 45’*, ... *exibe luz numa altitude de 46 metros em torre troncônica de cimento armado, pintada em faixas horizontais brancas e pretas, com 35 metros de altura*”. Como curiosidade, essa segunda torre de Preguiças é idêntica à do Farol de Mostardas, no Rio Grande do Sul.

Embutido nesse cenário, o Farol Preguiças fez por merecer ser incluído na obra *Luzes do Novo Mundo*, livro de arte farológica com imagens de 45 selecionados faróis do Brasil, editado em 2002.

Curriculum Vitae

Vice-Almirante Heráclito da Graça Aranha⁷, nascido no Maranhão, em 22 de março



Farol Preguiças ou de Mandacaru

de 1873, filho de Themistocles da Silva Maciel Aranha e Maria da Glória da Graça Aranha. Faleceu em 4 de agosto de 1944.

Promoções: a Praça de Aspirante a Guarda-Marinha em 11 de março de 1887; a Guarda-Marinha em 23 de novembro de 1891; a Segundo-Tenente em 23 de setembro de 1893; a Primeiro-Tenente em 9 de agosto de 1894; a Capitão-Tenente em fevereiro de 1906; a Capitão de Corveta em 25 de fevereiro de 1909; a Capitão de Fragata em 3 de dezembro de 1913; a Capitão de Mar e Guerra em 05 de março 1919; a Contra-Almirante em 27 de março de 1930 e a Vice-Almirante: 27 de outubro 1932. Foi transferido para a reserva em 2 de abril de 1936, depois de 54 anos e 8 meses servindo à Marinha.

Em sua carreira, fez o curso de Torpedos, Minas e Defesa Submarina (Europa).

Comandos/direção: Rebocador *Lomba*; Contratorpedeiro *Piauí*; Contratorpede-

⁷ Heráclito é irmão cinco anos mais novo de José Pereira da Graça Aranha, escritor, diplomata, imortal da Academia Brasileira de Letras e autor de Canã romance publicado pela primeira vez em 1902 em que o autor aborda a imigração alemã no estado do Espírito Santo.

deiro *Sergipe*; Tênder *Ceará*; Cruzador-Torpedeiro *Tamoio*; Cruzador *República*; Cruzador *Parnaíba*; Vapor *Tocantins*; Capitania dos Portos do Estado do Maranhão; Encouraçado *Floriano*; Comando da Segunda Divisão Naval; Diretoria das Escolas Profissionais; Adido Naval em Washington; Diretoria de Aeronáutica da Marinha; Centro de Aviação Naval; Diretoria da Biblioteca, Museu e Arquivo da Marinha; Flotilha de Contratorpedeiros; Diretoria-Geral de Navegação e Companhia de Navegação *Lloyd Brasileiro*.

Comissões: Divisão Naval do Norte; Cruzador *Andrada*; Cruzador *Quinze de Novembro*; Canhoneira *Carioca* (Ime-

diato); Corpo de Marinheiros Nacionais; Cruzador *Tonelero*; Cruzador *Riachuelo*; Brigue *Pirajá* (Imediato); Caça-Torpedeiro *Gustavo Sampaio*; Canhoneira *Guarani* (Imediato); Cruzador *Primeiro de Março*; Cruzador-Torpedeiro *Timbira*; Encouraçado *Riachuelo*; Diretoria Geral da Carta Marítima; Encouraçado *São Paulo*; Comando em Chefe da Esquadra; Gabinete do Ministro da Guerra.

Em reconhecimento aos seus serviços, recebeu inúmeras referências elogiosas e as seguintes condecorações: Medalha Militar de Ouro; Medalha do Mérito Naval (Grau – Grande Oficial) e Cruz da Coroa da Itália (Grau – Oficial).

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ATIVIDADES MARINHEIRAS>; Sinalização náutica; Graça Aranha, Heráclito da;